

Fatores de textualidade na produção textual

Daniela dos Santos Costa*

Introdução

O ensino de língua materna tem sido a preocupação de inúmeros projetos de pesquisa. Muito se tem feito para minimizar os problemas decorrentes dessa prática pedagógica. As técnicas de ensino-aprendizagem decorrem, no dizer de Koch & Travaglia (1992, p. 82), da adoção de uma postura metodológica que será aliada, pelo professor, à sua posição ideológica, aos seus objetivos e fundamentos em relação ao objeto de ensino e aprendizagem: a Língua Portuguesa, sua estrutura e seu funcionamento, suas variedades e seus usos.

Dentre os vários temas propostos para estudos sobre o ensino da língua materna, está a compreensão e a produção de textos. Muitas vezes, não há parâmetros definidos para o ensino e para a avaliação das produções escritas pelos alunos. Disso decorre um problema que é a ineficiência do trabalho com textos em sala de aula. Como ensinar o aluno a produzir textos?

Este trabalho tem por objetivo, a partir do texto de Val (1999), *Repensando a textualidade*, comunicação oral apresentada no *IV Fórum de Estudos Linguísticos*, no Instituto de Letras da UERJ, em 21/10/1999, considerar alguns fatores que promovem a textualidade e “fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases”. Ao longo dos tempos, os estudos da Linguística Textual apontam para o

* Mestre e doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

fato de que, segundo Val (1999, p. 9), “um texto é mais do que uma sequência de enunciados concatenados, e que sua significação é um todo, resultante de operações lógicas, semânticas (e pragmáticas)”.

De acordo com essas perspectivas, demonstrar-se-á um estudo das categorias propostas por Charoles (1978, *apud* Val, 1999, p. 11-18), como uma possibilidade de análise de textos. O autor propõe quatro metarregras que não possuem caráter normativo, mas sim um sistema implícito de regras de coerência por meio do qual produzimos, interpretamos e avaliamos os textos que circulam ao nosso redor. Para os autores, a coerência e o sentido textuais dependem da situação da qual ele emerge; portanto, um texto não é *coerente por si mesmo*, mas para alguém que o identifica e lhe dá sentido, baseando-se em uma determinada situação.

Cada contexto gera um tipo de texto

Existe uma enorme variedade de gêneros textuais e cada gênero se subdivide em vários outros. Por exemplo, o gênero carta pode se subdividir em carta comercial, que, por sua vez, pode se subdividir em vários outros como carta de recomendação, de solicitação, de reclamação, carta pessoal, carta convite etc. O texto dissertativo pode ser do tipo expositivo, argumentativo, persuasivo etc.

Como se nota, há muitas variedades de textos em nossa sociedade. Para se desenvolver habilidade para interpretá-los e produzi-los, é preciso definir seus objetivos. O texto precisa ser adequado para o fim a que se destina. O leitor ou produtor do texto deve fazer suas escolhas conforme suas necessidades, isto é, ele precisa adequar o gênero e o tipo textuais às suas pretensões, o que quer saber ou o que quer expor, que impressões quer passar, que público pretende alcançar, e assim por diante. Cada situação de comunicação requer uma determinada atitude dos interlocutores e isso é determinante para definir aspectos de forma e de conteúdo textuais.

Outro fator importante que deve influenciar a leitura e produção textuais é o conhecimento das técnicas necessárias para processá-las. Se se vai ler uma notícia de jornal sensacionalista, um artigo científico ou um romance, o modo e a atenção requeridos para essa leitura não são os mesmos. Cada situação gera um determinado envolvimento e exige um certo conhecimento para que dela se possam extrair as informações desejáveis. Para escrever, o primeiro passo é ter clareza quanto aos propósitos que se pretendem alcançar com o texto.

A escrita

Há algumas noções importantes a respeito da produção textual que podem ajudar a definir os parâmetros para se avaliar um texto, em relação às necessidades de cada contexto comunicativo.

Segundo Koch & Travaglia (1992, p. 10), “texto é um todo significativo que mantém unidade entre as partes que o compõem”. Para fazer sentido para os interlocutores, um texto precisa apresentar suas partes atadas entre si, de maneira que se completem e cumpram sua função comunicativa. Outra noção importante é a de que o tamanho não é fator decisivo para a construção de um texto. Desde uma mensagem de silêncio em um corredor de um hospital, um anúncio comercial, um editorial de um veículo de comunicação, até um livro, tudo se constitui como texto. Portanto, as características de um texto estão mais associadas à sua capacidade comunicativa do que ao seu formato. As condições de produção (quem produz o texto, para quem, como, por que, para que) são decisivas para determinarem que tipo textual emerge em uma dada situação comunicativa. Em um texto, devem estar explícitas essas intenções e, conseqüentemente, as informações necessárias para a eficácia comunicativa.

Anteriormente, os estudos linguísticos fixavam a atenção, sobretudo, aos aspectos de coesão gramatical (cf. Koch, 1999), entendida como a união formal entre as partes de um texto. O exemplo (1)¹, a seguir, mostra que apenas a coesão não é suficiente para garantir a capacidade de comunicação de um texto:

(1) *Ontem* meu cachorro expressou em palavras suas maiores insatisfações com o sistema de telecomunicações nacional. *Por isso*, *saí às compras* e *lá* fiz um delicioso manjar para comemorar a data.

Levando em consideração Koch (1999), coesão é um fenômeno a partir do qual elementos linguísticos marcam determinadas relações de sentido. Assim, *ontem* exprime a ideia de que a ação mencionada ocorreu no passado, em relação ao tempo do discurso, e se liga com o verbo *expressou*, também, no passado; *Por isso* apresenta a ideia de consequência da ação praticada pelo agente; *lá* indica um espaço designado pela expressão *saí às compras*. As relações entre tempo, espaço e ação, a partir da organização da estrutura morfossintática, correspondem,

¹ O exemplo em questão e todos os outros arrolados ao longo do artigo são de minha autoria, com exceção do exemplo (6), que é de domínio público.

portanto, à sequência lógica esperada pelos interlocutores. Como se observa, há coesão, mas não há coerência. As partes estão organizadas e estruturadas conforme o modelo previsível da língua; no entanto, os formais que compõem a cadeia textual não são suficientes para estabelecer sentido. Os falantes de uma língua não podem aceitar o fato de um cachorro expressar-se por meio de palavras, o que torna o texto incoerente e sem sentido. Um texto, portanto, deve ter coesão, coerência e unidade, isto é, deve estabelecer relações lógicas e apresentar um objetivo a ser atingido: *a comunicação*.

No exemplo (2), a seguir, há um texto coerente, sem, no entanto, apresentar elementos formais de coesão.

(2) Automóvel velocímetro 180 k/h curva perigosa volante motorista?
mão/contra-mão caminhão automóvel correria colisão ferragens corpos
polícia rodoviária ambulância hospital IML necrotério.

Nota-se que, embora não existam elementos formais de coesão, o texto exerce sua função comunicativa, pois o sentido vai além da estrutura gramatical. Para compreendermos um texto, é preciso que lancemos mão de pressupostos cognitivos e culturais adquiridos ao longo de nossas vidas por meio de nossas diversas experiências. A significação resulta de operações lógicas, semânticas e pragmáticas; os significados são construídos a partir de dados existentes no texto associados aos conhecimentos dos interlocutores. O exemplo (3), a seguir, esclarece sobre esses pressupostos.

(3) O *circo* chegou na cidade, o menino logo tratou de fazer uns biscates para conseguir *o dinheiro*. O seu interesse maior era pelo *trapézio*. Como aqueles voos lhe enchiam a imaginação!

Observe que, entre as informações contidas no exemplo (3), há uma rede de relações que não estão estabelecidas no texto em si, mas no conhecimento de mundo que partilhamos. Por exemplo, todos sabemos que um circo compõe-se de espetáculos para serem apreciados por um público, e este deve pagar para assisti-los. Portanto, entre as expressões *circo* e *o dinheiro* há uma associação que, para ser compreendida, é necessário o conhecimento cultural do leitor, pois requer pressupostos culturais que os indivíduos de uma dada sociedade adquirem por meio de sua vida social.

Outra ligação que não se estabelece formalmente no texto é entre *circo* e *trapézio*, sendo que este é um dos componentes daquele. Isto é,

dentre os números apresentados em um circo, o trapézio é um deles. Construir textos não é, pois, apenas uma questão de dominar conhecimentos gramaticais, como ortografia, pontuação, acentuação, noções sobre verbos, concordância, regência etc. Esses são apenas alguns dos saberes necessários, e não menos importantes. É preciso, também, levar em consideração os pressupostos cognitivos e culturais que envolvem um texto e lhe conferem textualidade.

Fatores de textualidade

Vários fatores imprimem textualidade a um texto, isto é, determinados aspectos o tornam compreensível para os seus interlocutores. Pode-se dizer, de maneira bem simples, que textualidade é um conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas um amontoado de frases, como definiu Val (1999). Muito se tem estudado a respeito dos fatores de textualidade. Dentre os muitos trabalhos sobre o tema, o estudo do francês Charolles (apud Val, 1999) pode ajudar o professor e o produtor de texto em sua tarefa/processo de construção textual. O autor estabelece quatro metarregras de coerência que podem ser úteis aos professores e alunos, segundo Val (1999), levando-se em conta a diversidade de gêneros e de tipos textuais. Essas metarregras serão aqui apresentadas a partir do ponto de vista de Val (1999), que as renomeou e sintetizou de uma maneira clara e objetiva.

A primeira metarregra, chamada de *continuidade*, prevê que, para um texto ser coerente, é preciso que ele, no seu desenvolvimento, contenha elementos de recorrência escrita. Essa metarregra refere-se à coesão marcada no texto pelas retomadas pronominais, pelo uso de artigos definidos, indefinidos, pronomes demonstrativos, pelas repetições e substituições lexicais (sinônimos, antônimos, hiperônimos, hipônimos), pelas indicações de recuperação de informações pressupostas ou consideradas inferíveis pelos interlocutores. Trata-se de processos de referência a partir dos quais se informa que os elementos, explícitos ou não, já apareceram e estão sendo retomados no texto, como se vê no exemplo (4):

(4) A cozinha é como um laboratório. Na cozinha, misturam-se muitos *elementos* de naturezas diversas, aplicam-se diferentes processos para se chegar a uma *síntese* distinta das partes originais que a compuseram. Tal como na *cozinha*, o *laboratório* é um lugar destinado a experiências que consistem em misturas, diluições e transformação de diferentes tipos

de *substâncias* para se obter outros *materiais*. Assim, os dois *ambientes*, laboratório e cozinha, devem ficar limpos e organizados ao final de cada atividade desenvolvida para que, quando forem usados novamente, *esses lugares* estejam prontos *para* o próximo usuário.

Nota-se, no exemplo (4), que *cozinha* e *laboratório* são retomados por *ambiente* e *lugares*; além disso, o conjunto *elemento, síntese, substância, materiais* encontra-se concatenado pela referência aos vários tipos de materiais que são utilizados em um laboratório e em uma cozinha. Assim, o texto vai se desenvolvendo e apresentando novas informações relacionadas pela cadeia nominal e gramatical, sendo esta promovida por elementos formais tais como *para, assim, esses*, de modo que as partes se unam e façam sentido para as pessoas envolvidas na situação de comunicação.

A segunda metarregra é a *progressão*. É claro que se um texto precisa manter a unidade temática, precisa, também, se desenvolver, isto é, ele precisa apresentar informações novas e, ainda, o autor deve mostrar que tem algo a dizer. Para que o texto se desenvolva, nele devem ser inseridos novos subtemas, sempre relacionados ao tema central. Assim, novos comentários e novas declarações, bem como novos aspectos e desdobramentos, devem ser acrescentados ao longo do texto para que ele progrida. Algumas possibilidades usadas para fazer o texto progredir são: exemplificação, comprovação, especificação, generalização, ampliação, sintetização; enfim, alguma novidade deve ser introduzida para que o texto não fique circular.

Em (4), a *progressão* pôde ser exemplificada, pois o texto expõe uma sequência de informações, a saber: faz uma comparação; em seguida, discorre sobre cada um dos elementos comparados e, por último, conclui que os procedimentos em cada um dos ambientes devem culminar com a limpeza, que, se percebe, é o objetivo final do texto.

A terceira metarregra é a *não-contradição*, que implica a aceitação do texto como válido para os interlocutores, para a situação e para os padrões sociais e culturais de linguagem. Isso implica dizer que o texto não deve se contradizer. Não se pode negar o que se afirmou ou vice-versa. Um texto deve fazer sentido para os interlocutores de maneira que a comunicação se realize com eficácia, deixando satisfeitos os falantes de uma dada comunidade linguística. Não é possível, portanto, proceder como no exemplo (5):

(5) – Eu cheguei amanhã, aqui. Vou ficar muito tempo. Dez horas. Isso

é o suficiente para eu fazer um curso, conhecer o lugar, os costumes e fazer boas amizades.

É evidente que o exemplo (5) não cumpre o princípio de não-contradição, pois as informações que ele apresenta não condizem com as possibilidades que conhecemos. Ora, não é provável que, em apenas dez horas, alguém conheça um lugar, faça um curso e boas amizades. É improvável, também, que se conheçam os costumes de um lugar nesse tempo, uma vez que costumes são aspectos sociais complexos, dificilmente reconhecidos em um contato tão curto. Essas considerações demonstram que o não respeito ao aspecto lógico implica a não eficiência da comunicação. O texto deve parecer verossímil, consistente, possível, ainda que essas concepções sejam subjetivas e possam gerar interpretações divergentes.

Ainda obedecendo a essa terceira metarregra, é preciso que o texto seja aceito socialmente. Não se pode concordar, por exemplo, que, em um velório, um padre, ao encomendar a alma do falecido, faça piada e gracejo acerca do morto e das pessoas que estão sofrendo a perda do ente querido. Como, também, não é admissível um presidente de uma empresa suplicando a seus funcionários que trabalhem, pelo amor de Deus, senão ele morrerá de fome.

Um texto precisa, pois, acontecer adequadamente, considerando as condições de produção em que ele foi produzido. Há uma pequena história popular de domínio público que ilustra a desobediência ao princípio de não-contradição, em que as ações não condizem com as expectativas dos leitores.

(6) Esta noite, à meia-noite, eram dez horas. Um homem cego lia um jornal sem letras, onde se lia. O Sol continua a brilhar a pino, sempre à meia-noite. Perto dali, a cem mil léguas, uma velha horrenda, de aparência doce e angelical, com uma enorme faca na mão... Passava manteiga no pão.

A quarta e última metarregra de Charolles (apud Val, 1999) chama-se *relação* e foi rebatizada por Val (1999) de *articulação*. Essa condição de coerência em um texto liga-se a metarregra de não-contradição, pois é necessário que as informações apresentadas em um texto estejam relacionadas entre si e que o conjunto seja associado ao mundo real plausível aos leitores, isto é, deve fazer sentido. O mundo textual deve se articular com o mundo representado, de forma que os interlocuto-

res consigam depreender dos enunciados os sentidos que satisfaçam as noções lógicas construídas ao longo dos tempos nas sociedades.

Assim, um texto deve apresentar suas ideias concatenadas entre si, formando uma unidade temática, constituindo um todo significativo, e esse todo deve estar, de alguma forma, relacionado com a realidade conhecida dos interlocutores.

Considerando que as metarregras, conforme Charolles (apud Val, 1999), conferem coerência a um texto, pode-se concluir que *a continuidade, a progressão, a não-contradição e a articulação* são recursos que, usados adequadamente, podem contribuir para a eficiência textual. Eles garantem que a ação comunicativa seja realizada com sucesso e se constituam como parâmetros para a verificação da eficácia comunicativa. De alguma forma, podem auxiliar o professor no seu exercício de avaliação da produção escrita.

Aplicação das metarregras no texto

A seguir, será apresentado um texto por meio do qual serão observados os recursos de textualidade que o professor e o estudante (aluno) podem tomar por base para os estudos sobre textos. Trata-se de um texto produzido por um estudante, não com a finalidade de obter nota, mas com o objetivo de divulgar uma ideia no ambiente acadêmico, o que constitui uma autêntica prática de comunicação.

Não verás país nenhum

(In: *Fanzine Popular* (PUC MG) – Ano I - Nº I - Julho de 2007, adaptação)

O Protocolo de Kyoto foi o resultado da 3ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada no Japão, em 1997. Representantes de 166 países discutiram as providências que deveriam ser tomadas para diminuir a excessiva emissão de gases tóxicos na atmosfera. Foi estabelecido que os países industrializados terão que reduzir suas emissões de dióxido de carbono (CO₂), que correspondem a 76% do total das emissões relacionadas ao aquecimento global, e os outros gases responsáveis pelo efeito estufa a níveis pelo menos 5% menores do que os que vigoravam até 1990.

Na contramão dos esforços mundiais os E.U.A., o maior poluidor, responsável pela emissão de 36,1% de CO₂ na atmosfera, se recusa a assinar o Protocolo de Kyoto. Segundo George W. Bush o acordo é muito oneroso e desestabilizará a economia estadunidense. Além disso,

alega que não há provas suficientes que relacionem o aquecimento global à poluição industrial. Talvez seja obra de ficção científica.

De acordo com o Protocolo de Kyoto os níveis de emissão de CO₂ do país norte-americano atingirão 435 até 2020. É evidente que a não-ratificação do protocolo por parte dos Estados Unidos são por interesses estritamente particulares e econômicos. Busch tem o rabo preso com as grandes companhias petrolíferas e com o cartel estadunidense de energia que determinaram a não-alteração do modelo energético vigente cujas bases de sustentação são a queima de combustíveis fósseis e a dominação das reservas mundiais de combustíveis fósseis ao custo de milhares de vidas humanas – Invasão ao Iraque – Ou alguém acredita no devaneio de luta contra o terrorismo?

Portanto, não podemos permitir que o planeta seja destruído em prol dos interesses imperialistas estadunidenses, devemos reverter essa situação. Se nada for feito, não haverá futuro, não verás país nenhum.

Será verificado, em seguida, como se processam, no texto *Não verás país nenhum*, cada um dos fatores que promovem a textualidade. Deve-se, antes de tudo, reconhecer a intertextualidade existente entre o título e a obra de mesmo nome do autor Inácio de Loyola Brandão (1981), questão que será retomada adiante.

Continuidade

A continuidade ocorre de várias formas. É possível detectar a continuidade através da coesão lexical. Esta se realiza pelo uso de vários vocábulos referentes ao tema, ligados por meios explícitos ou implícitos. No primeiro caso, temos a cadeia que nomeia um país, no caso os Estados Unidos da América, que é apresentado no texto das seguintes formas: *Os E.U.A., economia estadunidense, o país norte-americano, Estados Unidos, cartel estadunidense e interesses imperialistas estadunidense.*

Vejamos como a retomada se dá por processos de hiponímia e hiperonímia² na relação existente entre *país* e o substantivo próprio: *país norte-americano* e *Estados Unidos*. A retomada, ainda, se manifesta ora fazendo menção a sua geografia, ora lançando mão do adjetivo pátrio correspondente e, ainda, nomeando o seu dirigente *George W. Busch* que, por sua vez, é também retomado por parte do nome, *Busch*. Além disso,

² Hiponímia e hiperonímia são processos semânticos dos quais se extraem relações de significação entre os nomes. Como exemplo de hiponímia tem-se em *mesa* e *cadeira* a subordinação a *móvel*. Já na hiperonímia a relação se dá na superordenação de *móvel* em relação a suas subcategorias, *mesa, cadeira* etc.

o *Protocolo de Kyoto* é retomado por *Kyoto*, como no caso anterior.

Nos casos anteriormente citados, há a referência explícita, quando se trata de retomadas nas quais os elementos podem ser ligados por garantias lexicais como na relação entre *Estados Unidos* e o adjetivo *estadunidense*, em que os elementos lexicais por si mesmos remontam a um mesmo referente, ou seja, a relação significativa entre os elementos é formal, visto que se dá pela identificação entre as raízes dos vocábulos. De modo implícito, temos a relação entre *Busch* e *Estados Unidos*, que não é garantida por elementos nem lexicais e nem gramaticais, mas por conhecimentos que vão além do texto. Nesse caso, é preciso que se considere o princípio de aceitabilidade, a partir do qual os leitores atribuem sentido para as informações constantes no texto, mediante conhecimentos prévios adquiridos pela experiência e conhecimento de mundo. Como se sabe, Bush foi, na época em que o texto foi escrito, o presidente do país em questão.

A continuidade no texto faz com que o tema vá se desenvolvendo a partir de uma concatenação que se constrói entre os termos *Japão*, *Kyoto*, *industrialização*, *efeito estufa*, *dióxido de carbono*, *aquecimento global*, *economia estadunidense*, *combustíveis fósseis*, dentre outros. Nota-se que um elo pode ser estabelecido entre os termos, levando-se em consideração o conhecimento que o leitor possui acerca dos fatos abordados.

Progressão

Como já foi visto, entende-se por progressão o processo de desenvolvimento do texto, isto é, os recursos utilizados para sua continuidade e sequenciação, de modo a apresentar novidades e permitir que o texto se desenvolva. A evolução das informações em *Não verás país nenhum* pode ser observada a partir dos dados apresentados em sua cadeia de relacionamentos. A começar pelo título, já se supõe uma ideia de fim, de decadência associada com o desfecho que o autor aborda nas suas conclusões. É importante interligar esse título ao do livro do autor Inácio de Loyola Brandão (1981), obra em que ele trata da questão da destruição do planeta, já na década de 80. Portanto, tem-se, em *Não verás país nenhum*, uma referência a outro texto. Tal fenômeno linguístico, denominado intertextualidade, consiste em fazer alusão ou menção a um texto anterior em outro texto. A cadeia de progressão temática de *Não verás país nenhum* é clara e pode ser resumida nos seguintes tópicos:

1. A conferência sobre mudanças climáticas em Kyoto e suas metas;

2. Os Estados Unidos na contramão dos esforços mundiais para a redução da emissão de gases e seus argumentos em favor de seus interesses;
3. A argumentação do autor do texto confrontando as razões dos Estados Unidos;
4. Convite ao leitor para reação diante da situação apresentada.

É claro que cada um desses tópicos possui os seus desmembramentos internos e apresentam informações novas. Como exemplo disso, tem-se, no primeiro tópico, informações de onde foi a conferência, quando aconteceu, o número de países participantes, o que se discutiu e o que ficou estabelecido. Em seguida, os dados vão sendo apresentados e relacionados até que sejam suficientes para que o texto progrida e cumpra seu objetivo comunicativo.

Não-contradição

Esse princípio leva em consideração, além da lógica interna do texto, as relações que existem entre o texto e o contexto. Dessa forma, observa-se que há lógica entre as suas partes. Kyoto situa-se no Japão e isso não pode ser contestado. O CO_2 é emitido, sobretudo, pelos países industrializados. É do conhecimento geral que os Estados Unidos, país altamente industrializado, vêm se recusando terminantemente a alterar o seu modo de vida consumista e poluidor.

Enfim, as informações contidas no texto, isto é, os fatos apresentados, mantêm entre si uma coerência que resiste aos questionamentos originados a partir de um raciocínio lógico. As partes do texto se concatenam de maneira lógica e organizada. Além disso, o leitor do texto pode perceber as imbricações deste com o contexto. As informações podem ser confirmadas por outros textos (atlas, mapas, relatórios e jornais) e, também, por outros leitores. Todos esses recursos podem servir como instrumentos de confirmação para assegurar a credibilidade das informações contidas no texto e, ainda, para assegurar que essas informações estão relacionadas de maneira convincente e aceitável. Trata-se, portanto, de respeito ao princípio da não-contradição.

Articulação

Essa condição de textualidade manifesta-se a partir de elementos nominais e formais que servem para promover a ligação entre as partes do texto. A retomada por meio de elementos gramaticais é feita a partir dos pronomes, artigos, verbos etc. No caso do texto *Não Verás País*

Nenhum, destacam-se, dentre outros, *suas emissões*, quando o pronome possessivo *suas* se refere a *países industrializados*, citado anteriormente; o verbo *alega*, conjugado na terceira pessoa do singular, se refere a *George W. Bush*, citado no período anterior. Tem-se, neste caso, um clássico exemplo de coesão gramatical garantida pela forma verbal, atendendo ao princípio de concordância verbal entre sujeito e verbo, quando uma forma nominal, no caso *Busch*, concorda com a forma verbal em pessoa e número (terceira pessoa do singular). Pode-se, ainda, perceber a relação entre a data 1997 e 166 *países*, e o uso do verbo *discutiram*, empregado no passado e no plural, fazendo, assim, a concordância esperada de tempo e número.

A articulação se mostra, além disso, em *pelo menos 5% menores do que [os] que vigoravam até 1990*, em que o termo destacado entre colchetes funciona como demonstrativo e retoma *níveis*, já mencionado. Como mais uma demonstração de elemento que promove a continuidade, tem-se o pronome relativo *cujas*, que mantém com o termo imediatamente antecedente, *modelo energético vigente*, uma relação de pertencimento, indicando que as *bases de sustentação* são do *modelo energético*.

Considerações finais

Como foi possível perceber, a construção de um texto tem como fundamento vários fatores que promovem a sua unidade e fazem com que sequências linguísticas sejam textos. São as ligações existentes entre os elementos que compõem um texto que o tornam compreensível em uma dada situação comunicativa. Assim, as relações sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas, bem como a consonância entre morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos e capítulos, convertem sequências linguísticas em textos.

Um texto pode, então, confrontar-se com sequências linguísticas ilógicas e incoerentes, em que os interlocutores não conseguem depreender qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o seu universo cognitivo.

Para compreendermos e produzirmos os textos que permeiam nossas vidas lançamos mão não só dos conhecimentos declarativos dados pelos enunciados, mas também do conhecimento construído por meio da vivência em sociedade, conhecimento esse que é condicionado socioculturalmente e organizado, no cérebro, sob forma de coordenações de ações, modelos cognitivos parciais e globais.

De fato, existem muitas análises possíveis para a produção e

interpretação de textos; a polifonia e a rede referencial, por exemplo, podem ser algumas delas. Entretanto, as quatro metarregras aqui apresentadas constituem fatores relevantes que possibilitam perceber a eficácia de um texto, visto que elas podem contribuir para verificar se as informações dadas fazem sentido para os interlocutores, e mais, se são parâmetros possíveis para o exercício da prática do professor em avaliar a escrita dos seus alunos.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Inácio Loyola. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Codecri, 1981.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *A coesão textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

VAL, Maria da Graça Costa. *Repensando a textualidade*. IV Fórum de Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ): Rio de Janeiro, 1999. comunicação oral.

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. (org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Resumo

Este estudo tem o objetivo de apresentar quatro metarregras como aspectos constitutivos do texto. Essas metarregras de *continuidade*, *progressão*, *não-contradição* e *articulação*, propostas por Charolles (apud Val, 1999), podem funcionar como parâmetros de verificação da eficácia comunicativa de um texto, pois lhe imprimem textualidade, condição importante para apresentação e organização das informações de modo lógico e coerente aos interlocutores.

Palavras-chave: Produção textual; textualidade; eficácia comunicativa.

Abstract

The current paper presents a study about four rules used as a device to built a coherent text named *continuity*, *progression*, *non-contradiction*, *articulation*, as recommended by Charolles (apud Val, 1999). These rules can work like a pattern of evaluation of communicative efficacy for teachers. They can also be applied to a variety of types of texts and help people find out quality and improve their text reading and producing skills.

Keywords: text; communicative efficacy; textuality.